

Leopoldo Alas “Clarín” e Eça de Queirós: um encontro decisivo

António Apolinário Lourenço (Universidade de Coimbra)

Independentemente de se aceitar como *termo a quo* do Naturalismo o ano de 1865, em que se publicou *Germinie Lacerteux*, de Edmond e Jules de Goncourt, ou o ano de 1867, correspondente à primeira edição de *Thérèse Raquin*, de Émile Zola, existe um razoável consenso quanto ao facto de a internacionalização da corrente naturalista se ter verificado apenas por volta de 1880, na seqüência do êxito de vendas alcançado por *L'assommoir* e da grande polémica suscitada por esse romance zoliano. No artigo intitulado “Vers une histoire du Naturalisme dans les littératures de langues européennes” (CHEVREL, 1996, p. 121-137), Yves Chevrel considera que a internacionalização do Naturalismo ocorreu entre 1879 e 1881. Nos mesmos anos, situa, em *Le naturalisme: étude d'un mouvement littéraire international* (CHEVREL, 1993, p. 41), “la première lame de fond naturaliste”.

Essa cronologia é perfeitamente ajustada ao caso espanhol, onde, na realidade, o Naturalismo só começou a ser publicamente discutido em 1881, com a publicação de *La desheredada*, de Galdós, a que se seguiu um debate crítico que permitiu a Clarín expor, pela primeira vez em Espanha, os princípios estéticos a que devia obedecer o Naturalismo. Deve também destacar-se o importante ciclo de conferências sobre essa corrente artístico-literária, que teve lugar, entre dezembro de 1881 e fevereiro de 1882, no *Ateneo de Madrid*. Foi ainda em 1881 que Emilia Pardo Bazán publicou *Un viaje de novios*, um romance que, sem ser verdadeiramente naturalista (tal como, de resto, sucedia com *La desheredada*), constituía de qualquer modo uma indelével aproximação à estética zoliana. Recordemos que 1881 é

também o ano em que Aluísio de Azevedo publicou *O mulato*, considerado o romance inaugurador do Naturalismo brasileiro.

Não é difícil verificar, porém, que Portugal é um país completamente atípico quanto à cronologia da internacionalização do Naturalismo. *O crime do padre Amaro*, o primeiro romance naturalista de Eça de Queirós, foi publicado, em folhetim da *Revista Ocidental*, em 1875, seguindo-se-lhe de imediato (1876) a primeira edição em livro. Curiosamente, como a *Revista Ocidental* tinha também uma edição espanhola, é igualmente de 1875 a primeira tradução castelhana do *Crime do padre Amaro*, desconhecendo-se, no entanto, a identidade do tradutor. Em 1878, Eça publicou o seu segundo romance naturalista, *O primo Basílio*, mas no intervalo entre essas duas obras queirosianas, em 1877, surgia *Amor divino (estudo patológico de uma santa)*, de Teixeira de Queirós, que a crítica positivista saudaria como um escritor menos talentoso mas cientificamente mais apetrechado do que o próprio Eça. O mesmo Teixeira de Queirós publicaria em 1879 a sua primeira *Comédia* burguesa, *Os noivos. O pecado*, de José Simões Dias, que segue muito de perto o modelo instituído pelo *Padre Amaro*, é de 1878. E a estas obras outras se sucederiam, com destaque para a paródia feita por Camilo Castelo Branco do romance naturalista em duas obras breves de 1879 e 1880: o *Eusébio Macário* (apresentado como a “História natural e social de uma família no tempo dos Cabrais”, do mesmo modo que os *Rougon-Macquart* eram a “História natural e social de uma família sob o Segundo Império”) e *A corja*, a continuação do *Eusébio Macário*:

A História natural e social de uma família no tempo dos Cabrais — registava Camilo na Advertência do *Eusébio Macário*, num tom de pastiche doutrinário humorístico — dá fôlego para dezassete volumes compactos, bons, de uma profunda compreensão da sociedade decadente. Os capítulos inclusos neste volume são prelúdios, uma sinfonia offenbachiana, a gaita e birimbau, da abertura de um grande charivari de trompões fortes bramindo pelas suas goelas côncavas, metálicas. Os processos do autor são, já se vê, os científicos, o estudo dos meios, a orientação das ideias pela fatalidade geográfica, as incoercíveis leis fisiológicas e climatéricas do temperamento e da temperatura, o despotismo do sangue, a

tiranía dos nervos, a questão das raças, a etologia, a hereditariedade inconsciente dos aleijões de família, o diabo!

O autor trabalhou desde antontem no encadeamento lógico e ideológico dos dezassete tomos da sua obra de reconstrução, e já tem prontos dez volumes para a publicidade.

As Fototípias do Minho e *A divorciada*, de José Augusto Vieira, são, respectivamente, de 1879 e 1881, enquanto Júlio Lourenço Pinto, publicaria em 1879 e 1880 os seus dois primeiros romances, *Margarida* e *Vida atribulada*.

Toda essa proliferação de obras naturalistas, num período anterior à generalizada internacionalização do Naturalismo, se explica pela assimilação precoce, por parte de Eça, dos procedimentos técnico-narrativos adoptados por Flaubert em *Madame Bovary*, que viriam a constituir o código estilístico naturalista, nomeadamente a impersonalidade e a imparcialidade narrativas, a moderada utilização do diálogo, a focalização interna e o discurso indirecto livre. Recordemos que Eça de Queirós havia destacado *Madame Bovary*, como ilustração do romance realista, na sua conferência sobre a “Nova Literatura”, pronunciada em 12 de junho de 1871 e integrada nas célebres “Conferência do Casino Lisbonense”. O cimento ideológico da produção literária naturalista não era exactamente o Positivismo, como o próprio Zola apregoou, mas mais propriamente o Darwinismo social.

Leopoldo Alas “Clarín” descobriu o Naturalismo em 1881, tornando-se rapidamente num dos seus principais propagandistas em Espanha. Como crítico, devem-se alguns dos textos ensaísticos mais importantes sobre o Naturalismo (um dos quais, *Del Naturalismo*, publicado em *La Diana* em 1882, é a versão corrigida da sua conferência no *Ateneo de Madrid*, em janeiro desse mesmo ano) e será também da sua autoria o mais belo romance produzido pelo naturalismo espanhol: *La Regenta*.

Mas Clarín foi igualmente, sem sombra de dúvida, um dos escritores espanhóis da sua época que mais se interessou pela literatura portuguesa, chegando a lançar as bases de uma *Liga Literaria Hispano-Portuguesa*, que teria por principal

tarefa a divulgação em Espanha de obras portuguesas e a divulgação em Portugal das letras espanholas. O principal interlocutor português desse projecto, publicitado no jornal *El Porvenir*, nos dias 7 e 13 de setembro de 1882 — e do qual temos conhecimentos graças à acção de Roger L. Utt, que os divulgou no livro intitulado *Textos y con-textos de Clarín*, publicado em 1988 — era o poeta Joaquim de Araújo.

Foi no âmbito dessa campanha clariniana que o crítico asturiano publicou algumas resenhas críticas de obras literárias portuguesas, de autores genericamente associados à chamada “Geração de 70”, como Joaquim de Araújo (*Lira íntima*, em *El Porvenir*, 17-2-1882), Antero de Quental (*Sonetos*, *El Día*, 24-4-1882), e Guerra Junqueiro (*A musa em férias*, *El Día*, 13-11-1882). Todos esses textos estão reproduzidos no livro de Roger Utt. Também a morte de Guilherme de Azevedo proporcionou a Clarín um pretexto para escrever sobre as letras portuguesas.

Curiosamente, a descoberta de Eça de Queirós por Clarín acaba por coincidir com o seu abandono do projecto de constituição da Liga Literária Hispano-Portuguesa. Conhece-se o momento exacto dessa descoberta, porque ela tem reflexos imediatos numa carta a Galdós (datada de 24 de junho de 1883):

Acabo de recibir su carta y de ir corriendo al Ateneo a buscar al Doctor [Centeno]. En casa lo tengo, y a pesar de un fuerte constipado que me ha hecho guardar cama ayer nos leeremos esta noche y mañana uno yo y otro mi esposa los dos tomos. Yo voy a concluir antes una novela de Eça de Queiroz que me tiene asustado. No creía yo que en Portugal se escribían novelas tan buenas. Me refiero al “Primo Bazilio” que recomiendo a Vd. si no lo conoce (ORTEGA, 1966, p. 222-223).

Perante esse entusiasmo, não admira que Clarín redigisse um extenso texto sobre o romance queirosiano. Publicado, no entanto, numa revista efémera e pouco conhecida, a *Revista Ibérica*, esse texto só foi recentemente reeditado, primeiro na revista *Queirosiana*, por iniciativa minha, e posteriormente no volume VII das *Obras completas* de Clarín (das Ediciones Nobel). Tendo o artigo sido escrito numa época de

entusiástica adesão de Clarín ao Naturalismo, há uma coincidência total entre o elogio de Eça e a exaltação do movimento literário em que a obra se integra:

El naturalismo, esa tendencia literaria que con haber nacido en Francia no parece francesa, que se va abriendo paso y va siendo convicción arraigada de muchos escritores en muy diferentes países, tiene en Portugal también dignos representantes en la novela, en la poesía y en la crítica.

Uno de los más notables es Eça de Queirós. Hoy no pienso hablar a los lectores de la REVISTA IBÉRICA más que de una obra de este escritor. El primo Basilio está francamente inspirado, si vale hablar así, en las novelas de Balzac, Flaubert y Zola, pero especialmente en la inmortal Madame Bovary (que un crítico español confesaba sin rubor no haber leído) (CLARÍN, 1883, p. 155).

Contudo, o aspecto mais importante do artigo é que nele fica patenteado que se encontra no *Primo Basílio* a génese de várias personagens de *La Regenta*, como Álvaro Mesía (o sedutor), Saturnino Bermúdez (o historiador de Vetusta), Frígiles (o devotado amigo de Ana e Víctor Quintanar, émulo do Sebastião do *Primo Basílio*) ou até Petra (a pérfida e ambiciosa criada de Ana Ozores):

[Eça de Queirós] No ha ido a buscar personajes, caracteres, costumbres, ni color local lejos del mundo que le rodea. Lisboa es el lugar de la acción, y cuantos figuran en ella, verdaderos lisboetas, como el autor dice. Hasta Basilio, el enfatuado brasileiro, el elegante aburrido D. Juan Tenorio de Ultramar, es un tipo que ha copiado del natural, sin necesidad de figurárselo y pintarlo de oídas. La originalidad, sin más que estas condiciones, aparece con caracteres de absoluta, a pesar de las semejanzas que quiera ver la malicia.

[...] Entre los personajes secundarios son dignos de especial mención Sebastián, dibujazo con cariño y con delicadeza que encanta; el conselheiro D. Acacio, carácter perfectamente estudiado, producto de observación profunda y prolija; Julián y doña Felicidad también son dibujos de mano maestra. Pero lo mejor de todo, mejor que el mismo carácter de la protagonista, es el estudio del carácter de Juliana, la doncella, ladrona de honor, fábrica de concupiscencias atrofiadas y miserables... Y no sigo, porque habría mucho que alabar todavía (CLARÍN, 1883, p. 155-157).

Felizmente para o escritor português, a introdução do Naturalismo em Espanha, poupava-o agora de reacções aos seus romances como aquela que surgira na *Revista de Galicia*, em que Lino de Macedo anunciava a publicação do *Mandarin*, apelidando o seu autor de “Zola português” e acrescentando: “Sus novelas tienen el inconveniente de no poderse leer con la nariz destapada. Tienen todas un tufo

nauseabundo, deletéreo, repugnante: parecen escritas en un cuartel, después del toque de queda” (MACEDO, 1880).

Gonzalo Sobejano considerou “*La conquête de Plassans*, de Zola (un sacerdote ambicioso conquista una ciudad y avasalla a una mujer casada) y *O primo Basílio*, de Eça de Queiroz (un libertino asedia y seduce a una casada; la sirvienta de ésta delata el adulterio)” os romances de “efecto más patente” em *La Regenta* (SOBEJANO, 1988, p. 12-13). Mas tanto ele como vários outros críticos que se ocuparam do tema desconheciam o artigo de Clarín sobre o romance queirosiano. E sabemos agora também que foi precisamente no ano do seu encontro com *O primo Basílio* que começou a escrever o romance que o imortalizaria. Alguns outros críticos, como Juan Ventura Agudiez (*Inspiración y estética en la “Regenta” de Clarín*, 1970), procuraram também em *La Regenta* a influência (pouco provada e, na minha opinião, improvável de *O crime do padre Amaro*). A verdade é que, ainda que Clarín tenha acabado por ler quase todos os romances que Eça publicou em vida, o seu preferido foi sempre *O primo Basílio*, como reconheceu numa nota publicada em *Miscelánea* (1900) e recuperada por Noël M. Valis, em 1993, a propósito do falecimento do escritor português.

Essa admiração está também manifestada numa sugestão de tradução que enviou ao editor José Yxart, em 27 de junho de 1883, indicando-lhe mesmo um possível tradutor, Salustiano Bermejo. A editora de Yxart era a Daniel Cortezo y Cía, de Barcelona, na qual acabaria por publicar-se *La Regenta*. No entanto, *O primo Basílio* acabou mesmo por ser editado em castelhano, mas com a chancela de uma editora madrilena, El Cosmos Editorial, em 1884. O tradutor que se apresenta simplesmente como um “aprendiz de hacer novelas”, também não parece ter sido Salustiano Bermejo, ou seja, Salustiano Rodríguez-Bermejo, que verteu para espanhol

várias obras de Alexandre Herculano, e não deveria ter motivos para ocultar o seu nome (LOURENÇO, 2005, p. 364-367).

O mesmo não se pode dizer de um dos mais flagrantes “presumibles implicados”. Crítico feroz da mediocridade, Clarín era tão admirado como temido. Não perdia nunca o ensejo de ganhar algumas pesetas com a escrita, e uma tradução de um livro de que tanto gostava não seria de desdenhar. Se foi ele efectivamente o “aprendiz de hacer novelas” que traduziu *O primo Basílio* compreendem-se as cautelas: não tendo estudado português, a tradução poderia ter erros que futuramente o desautorizassem como crítico. No entanto a tradução é de excelente qualidade e, estranhamente (ou talvez não), o crítico Leopoldo Alas, que tão assiduamente escrevia na imprensa espanhola, nunca teve uma palavra sobre ela.

Quanto a Eça, é provável que tenha morrido sem saber também o nome do tradutor, ainda que tenha conhecido a edição. Uma publicação pirata, segundo se infere de uma carta do romancista a José da Câmara remetida de Londres em 10 de maio de 1885, que a menciona, indiciando tratar-se realmente de uma edição clandestina:

Cheguei a Madrid muito cansado, de sorte que não segui, à maneira de carta, como tencionava. [...] E verifiquei de resto o roubo que me foi feito com *O Primo Basílio*, traduzido em dois volumes, com ilustrações (!), numa edição já esgotada, e de que eu não recebi nem *uma peseta* (QUEIRÓS, 1983, p. 250).

Referências

ALAS “CLARÍN”, Leopoldo. *O primo Bazilio*, episodio doméstico, por Eça de Queirós. *Revista Ibérica*, n. 7, p. 154-157, 1 jul. 1883.

CHEVREL, Yves. Vers une histoire du Naturalisme dans les littératures de langues européennes. In: DEZALAY, Auguste (Ed.). *Zola sans frontières*. Strasbourg: Presses Universitaires de Strasbourg, 1996. p. 121-137.

_____. *Le Naturalisme: étude d'un mouvement littéraire international*. 2. ed. Paris: PUF, 1993.

LOURENÇO, António Apolinário. Queirosiana. Estudos sobre Eça de Queirós e a sua Geração. Um artigo esquecido de *Clarín* sobre Eça de Queirós, n. 10, p. 69-82, 1999.

_____. *Eça de Queirós e o Naturalismo na Península Ibérica*. Coimbra: Mar da Palavra, 2005.

MACEDO, Lino de. *Revista de Galicia*, 25 jul. 1880.

ORTEGA, Soledad (Ed.). Cartas a Galdós. *Revista de Occidente*, Madrid, 1966.

QUEIRÓS, Eça de. *Correspondência*. Lisboa: IN-CM, 1983. v. 1.

SOBEJANO, Gonzalo. Introducción biográfica y crítica. In: ALAS "CLARÍN", Leopoldo. *La Regenta*. 5. ed. Madrid: Castalia, 1988. p. 5-56. v. 1.

UTT, Roger L. *Textos y con-textos de Clarín*. Madrid: Istmo, 1988.

VALIS, Noël M. Boletín del Real Instituto de Estudios Asturianos, Clarín y la vida cultural del extranjero: tres artículos desconocidos. *Miscelánea*, n. 141, p. 157-178, 1993.